

Suplemento de Arqueologia

Mensal | Ano 11 | N.º 80 | distribuição gratuita | Revista Municipal

Estrutura defensiva tipo “mota” de Caíde de Rei (Lousada)

Luís Sousa*

1 - INTRODUÇÃO

Num outeiro de modestas proporções, situado entre as freguesias de Caíde de Rei e de Vilar do Torno e Alentém, do concelho de Lousada, encimado por um marco dos Serviços Cartográficos do Exército, onde se alcança a altitude de 363 metros, foram reconhecidos dados arqueológicos enquadráveis genericamente na Idade Média. Este lugar identificado recentemente (Nunes, Sousa e Gonçalves, 2008: 96), designado Cimo de Vila do ponto de vista cartográfico e localmente conhecido por Pinouco, por alusão ao marco geodésico, autoriza apontar a possibilidade de estarmos perante a concreta localização de uma estrutura castelar, talvez do tipo “mota”, mencionada na documentação medieval. Estudos recentes a propósito do encastelamento na Idade Média, mormente os que versam sobre a região em que se insere o concelho de Lousada, vêm-lhe dedicando algumas notas, porém, apesar das diversas tentativas de localização, não foi até ao momento convenientemente situada.

O morro granítico (Fig.1), que julgamos associar-se à «Loba Mourisca» ou «Lomba Mourisca» documentada desde o século XII, evidencia uma particular morfologia que se destaca e se projecta visualmente num vasto território circundante. A forma de uma ‘mámoa’ ou de uma ‘lomba’, aparentemente sem grandes alterações artificiais, apesar de alguma exploração de pedra visível no local, terá sido o causante para que àquela morfologia fosse atribuída a denominação de ‘loba’ e ‘lomba’, adjectivada pelo termo ‘mourisca’, designação que nos reporta simultaneamente para uma determinada configuração morfológica e para um espaço temporal, não bem definido, mas que se entende como recuado relativamente ao presente.

Mário Barroca (1991) considerou a possibilidade de a “Lomba Mourisca” ser uma estrutura defensiva do tipo “mota”, sistema impulsionado pela iniciativa particular, vulgarizado durante a Reconquista e que surge representada em diversos quadrantes geográficos do território nacional. Parece haver relação entre as invasões normandas e o aparecimento das estruturas defensivas de tipo “mota”, certamente devido a uma necessária e pronta resposta face à rapidez acção conquistadora normanda. Para o mesmo autor, “em Inglaterra, a introdução das motas se



Figura 1 - Outeiro de Cimo de Vila. Perspectiva de noroeste

ficou a dever precisamente às forças militares que protagonizaram a invasão de 1066” (Barroca, 1991:100). Para Portugal, o panorama não será, decerto, muito dissemelhante, e consideramos que, tal como o citado autor, não deixa de ser aliciante estabelecer o paralelismo entre os dois fenómenos. Este tipo de unidades perecíveis, que eram erigidas e mantidas por um curto espaço temporal, associadas indubitavelmente a momentos de instabilidade territorial, terão surgido em grande número, pelo menos atendendo aos indícios documentais e toponímicos (Barroca, 1991: 98), principalmente no Norte de Portugal, gravitando em redor de propriedades que convinha resguardar das incursões inimigas, talvez impulsionadas pela iniciativa particular.

2 - “MOTA”, BREVE DEFINIÇÃO

Tal como atrás anotamos, a “mota” surgiu para dar uma célere resposta às invasões que assolavam recorrentemente o território em que se inseria. Esta estrutura defensiva era simples e de rápida construção, sendo empregues materiais baratos e de fácil obtenção, normalmente disponíveis na área imediata à instalação da “mota”, resumindo-se ao aproveitamento de uma elevação natural ou pela composição de um montículo artificial conseguido através da amontoação de terra. Em ambas as situações se constata que a normal configuração do morro é tendencialmente cónica com o topo aplanado, extremidade que preferencialmente era votada à elevação da estrutura defensiva, integralmente erigida em materiais perecíveis (Fig.2)¹.

A construção da “mota” ficava a cargo, provavelmente, de um senhor, a quem era incumbida a tarefa de zelar pela

* Arqueólogo, Gabinete de Património e Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada.

¹ Imagem obtida em [site em linha]: <http://www.pastperfect.org.uk/sites/wark/images/mandb.html#>.



Figura 2 - Reconstrução 3D da mota de Wark, Inglaterra. Foi construída por Walter Espec, nos inícios do Séc. XII.

sua propriedade. Esta efémera estrutura era vulnerável em diversos aspectos, pelo que a função primordial era a de possuir um carácter meramente defensivo, ainda que de aspecto temporário, tentando de algum modo desgastar o inimigo, aproveitando, assim, a pouco desenvolvida máquina de guerra que veremos evoluir significativamente em momentos subsequentes.

A fortificação tipo “mota”, ao ser quase exclusivamente edificada através do uso de madeira, ficava exposta às condições climáticas, o que desencadeava uma mais célere degradação. Para além desta natural e progressiva depauperação estrutural, a principal vulnerabilidade residia na exposição ao fogo, como bem elucidada a tapeçaria de Bayeux² (**Fig.3 e 4**)³. Esta circunstância, apesar de pouco documentada, poderia ser travada pela colocação de peles verdes de animais, o que permitia retardar a acção do fogo desencadeado pelo arremesso de tochas, lanças e setas em chama.

Pese embora a leveza dos materiais empregues e, subsequentemente, da pouca monumentalidade que atingiria, esta estrutura defensiva teve grande implantação no território português, especialmente a Norte do rio Douro, onde as condições morfológicas naturais do terreno terão propiciado a sua propagação, podendo, no entanto, não reflectir a “mota” clássica divulgada pelos trabalhos académicos franceses, ingleses e mesmos dos nossos vizinhos espanhóis. Por cá, como em outras partes da Europa, é vulgarmente considerada a predecessora dos castelos românicos que povoam o nosso imaginário medieval.

3 - DA LOMBA MOURISCA

O mais recuado documento de que temos presentemente notícia data de 1137⁴, se referindo a uma doação de terras em Vila Nova⁵, Outeiro⁶ e Arrabalde⁷ (**Fig.5**), por parte de Egas Moniz, em memória de seu filho Mendo. No citado documento, aquando do enquadramento geográfico do casal situado em *uilla Arraualdi*, encontra-se a referência a *subtus mons Loba Mourisca*. A este documento alude António Lima (1993), no trabalho sobre *Castelos Medievais do Curso Terminal do Douro (séc. IX-XII)*, desenvolvido no âmbito da sua Dissertação de Mestrado em Arqueologia, obra na qual o autor anota ser desconhecedor da “localização exacta do mons Loba Mourisca”, acrescentando que “as propriedades para que ela serve de ponto de referência, uma vez que se situam na área da actual sede do concelho de Marco de Canaveses, sugerem a localização deste mons nas suas proximidades”. Adianta que “no entanto, é provável que haja identificação entre este mons Loba Mourisca, e a Lumba Mourisca de que fala Mário Barroca quando se refere aos possíveis casos de motas no território português. A ser correcta tal identifica-



Figura 3 - Fragmento da tapeçaria de Bayeux, século XII. A dimensão total da tapeçaria ronda cerca de 70 metros de comprimento por meio metro de altura

² Em 1066 deu-se a famosa Batalha de Hastings, em Inglaterra, de que saíram vitoriosos os normandos. Para comemorar o feito foi criada uma tapeçaria na qual se acham figuradas diversas cenas que retratam fielmente os acontecimentos. Particularmente importante para o presente texto é a representação da construção e incêndio de uma estrutura castelar do tipo “mota”. Para além da mais antiga representação conhecida, podemos vislumbrar o modo como eram erigidas e a sua principal vulnerabilidade.

³ Figura 3 obtida em [site em linha]: <http://fr.academic.ru/dic.nsf/frwiki/297613> e figura 4 obtida em [site em linha]: <http://www.historicaltimeline.co.uk/>.

⁴ LTPS – Livro de Testamentos de Paço de Sousa, doc. nº 156.

⁵ Actualmente lugar da freguesia de Tuíás, concelho de Marco de Canaveses.

⁶ Morro granítico com domínio visual sobre a margem direita do rio Tâmega, situado em São Pedro, freguesia de Sobretâmega, concelho de Marco de Canaveses.

⁷ Consideramos, contrariamente ao proposto por António Lima (1993), que o casal referido no documento de Egas Moniz, de 1137, situado na *uilla Arraualdi*, integraria o lugar de Arrabalde na actual freguesia de Oliveira (Amarante) e não o de Sobretâmega.

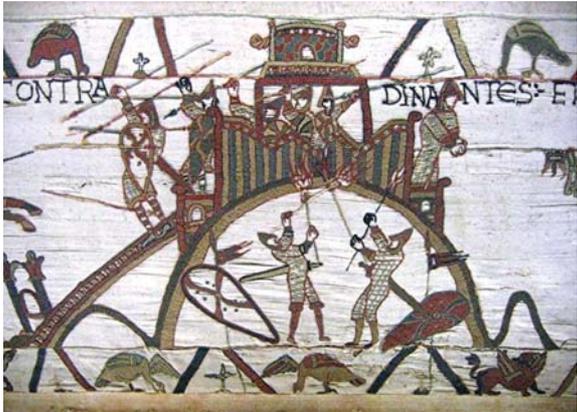


Figura 4 - Pormenor da tapeçaria de Bayeux onde se observa o ataque à mota de Hastings

ção, isso levaria a situar este mons muito mais para Norte, entre Caíde de Rei e Travanca, no actual concelho de Lousada (Lima, 1993: 169, nº 37). Os impedimentos invocados por este investigador para determinar cabalmente a situação geográfica da “Lomba Mourisca” residiram na falta de dados arqueológicos que abonassem o confronto com as fontes disponíveis. As mesmas dificuldades terá experimentado o já citado investigador Mário Barroca, que lembra a possibilidade de a referência afonsina de 1258 se poder reportar a uma estrutura do tipo “mota”, porém, sem precisar a sua localização, para além de que se implantaria numa zona entre Caíde e Travanca (Barroca, 1991: 100).

Voltamos a ver referenciada esta possível construção nas Inquirições de 1258, desta feita aquando da alusão a umas bouças pertencentes à Igreja de São Mamede de Recezinhos (Penafiel), sendo relatado que «*ipsa Ecclesia tenet tres bouças in Lomba de Cayde, et dant inde annuatim Domino Regi terciam partem panis*» (PMH, Inq. 1258: 602). Esta citação é particularmente interessante por duas razões. Por um lado, porque mantém presente a denominação “Lomba”, por outro, porque pela primeira vez vemos ser-lhe atribuída uma circunscrição administrativa concreta - «*de Cayde*».

Resta-nos, por último, referir as Inquirições de Caíde Rei, de igual modo de 1258, onde se acha a mais elucidativa expressão que Mário Barroca considerou se poder reportar a uma estrutura defensiva tipo “mota”. O pároco Gonçalo Gil, seu relator, ao definir os termos em que os casais arrolados naquele documento se encontravam circunscritos, diz o seguinte: «*Et isti sunt termini Montis Arcorum et terminatur sic: incipitur in Reveloes; inde per finem Agricovi; deinde ad Chaaos; deinde ad Lumbam mouriscam quomodo partit Caydi*

cum Travanca; deinde ad hermitam Sancti Torcati quomodo vertit aqua; deinde ad Silvares quomodo partit cum Vilar; deinde ad Sovereiram; deinde ad Lagartariam; deinde ad Reveloes ubi primitus incepimus» (PMH, Inq. 1258: 607). Este mesmo documento remete para uma «*bauza de loba*» na zona de Silvares, área que «*quomodo partit cum Vilar*», isto é, tratasse de um território nas cercanias do actual lugar de Cimo de Vila, o que bem poderá reportar-se ao mesmo campo de estudo sobre o qual nos detemos, podendo a denominação “loba” e “lomba” significar uma alteração fonética, pois, como vimos, a designação “loba” aparece anteriormente na doação de Egas Moniz em memória de seu filho Mendo, datada de 1137.

CONCLUSÃO

No segundo quartel do século XII já a memória do arqueossítio de Cimo de Vila, como estrutura militar defensiva, se tinha esvanecido. O documento de 1137, ao aludir ao «*subtus mons Loba Mourisca*», é bem disso reflexo. Todavia, continuava a desempenhar importante papel como referente geográfico, patente na expressão «*subtus*

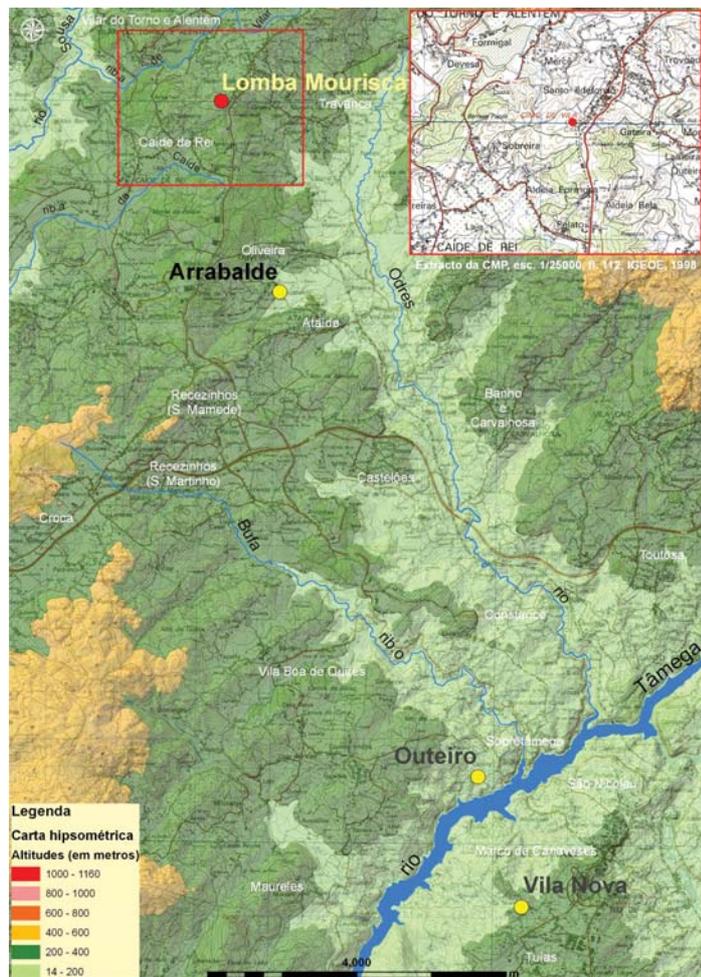


Figura 5 - Mapa de distribuição das terras mencionadas na doação de Egas Moniz, de 1137.

mons», que, de modo curioso, não voltará a ser mencionada nos documentos subsequentes.

Julgamos que pese embora a brevidade do documento em questão, este encerra a capital informação para que situemos de forma precisa o «*subtus mons Loba Mourisca*» no actual sítio denominado de Cimo de Vila, local onde, como já dissemos, foram identificados alguns pequenos fragmentos ceramológicos enquadráveis na Baixa Idade Média, o que vem de certa maneira alicerçar a nossa posição.

António Lima diz a propósito da «*Loba Mourisca*» mencionada na doação de Egas Moniz, que “as propriedades para que ela serve de ponto de referência, uma vez que se situam na área da actual sede do concelho de Marco de Canaveses, sugerem a localização deste mons nas suas proximidades”, colocando, contudo, a possibilidade de aquela se situar muito mais para Norte, entre Caíde de Rei e Travanca, no actual concelho de Lousada (Lima, 1993: 169). Uma leitura atenta da doação revela que os enquadramentos geo-administrativos para as terras descritas são diferenciados, não sendo designados pontos comuns de referência para mais que um domínio. Assim, os seis casais de Vila Nova encontravam-se «*sita iuxta ecclesia Tuias, territorio Benuiuer*», o casal de Outeiro localizava-se em «*Sanctum Petrum de Canaueses, territorio Portus Carreiro*» e, por fim, o casal «*in uilla Arraualdi*», que se situava «*inter riulo Odres⁸ et de Palatiolo⁹ subtus mons Loba Mourisca, territorio // portugalemsem*», este casal é o único para o qual efectivamente este monte serve de referência, não pela sua notoriedade geográfica, mas porque era aquele monte específico que dominava a localidade, o que melhor permitia situar, cumprindo o mesmo propósito que a «*ecclesia*»

ou «*Sanctum Petrum de Canaueses*», neste caso porque se resumia a uma rua.

O cabeço de Cimo de Vila, para onde apontamos a implantação da possível estrutura castelar tipo “mota”, apresenta um favorável enquadramento geográfico que lhe confere largo horizonte visual sobre as bacias hidrográficas dos rios Tâmega e Sousa, respectivamente sobre a margem direita e esquerda daqueles recursos aquíferos. Todavia, considerando que a plataforma onde se implantaria a estrutura defensiva se estende no sentido Este-Oeste, com predominância visual sobre a margem esquerda do vale do rio Sousa, é possível que seria sobre este quadrante que recairia preferencialmente o controlo do território, apesar de não possuímos, de momento, dados arqueológicos que nos permitam apontar uma ocupação do espaço no sopé do outeiro, quiçá integrada por uma paliçada ou circunscrita por um fosso circular ou oval como vem sendo constatado em outras similares estruturas coetâneas, porém, garantimos que tal circunstância pode ter tido lugar à sua presença, considerando que plataformas voltadas a Oeste e Norte favorecem a implantação de unidades de apoio, designadamente habitacionais.

Somos da opinião de Ferreira de Almeida (1978: 52) de que “não houve o hábito nem a necessidade de fazer “mottes” para assentar os castelos, tal é a abundância regional de elevações e de esporões rochosos”, porém, consideramos que apesar de não possuímos, de momento, “motas” construídas segundo o modelo clássico divulgado, é bem provável que se tenham aproveitado e adaptado pequenos morros rochosos, cumprindo assim uma intenção basilar – defender e afirmar um território, de que a “Lomba Mourisca” de Cimo de Vila poderá constituir um bom exemplo.

Fontes e Bibliografia

Fontes

PMH, *Inq. - Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitiones.*

Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1888-1897.

Bibliografia

- Almeida, C. A. F. (1978) – *Castelologia Medieval de Entre-Douro-e-Minho: desde as origens a 1220*. Trabalho complementar para prestação de provas de Doutoramento em História da Arte. Porto: FLUP (Policopiado).
- Barroca, M. J. (1991) – *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (séc. IX a XII)*, in *Portugalia, Nova Série*, Volume XI-XII. Porto: Instituto de Arqueologia/FLUP. pp. 89-135.
- Bradbury, J. (1994) – *The medieval archer*. Woodbridge: The Boydell Press. ISBN: 0-85115-194-9.
- Capela, J. V., Matos, H. e Borralheiro, R. (2008) – *As freguesias do distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Memórias, História e Património. Braga: Ed. Autor.
- Fontes, L. F. de O. (1999) – *O sítio fortificado tipo «mota» de Eiró, Rio Douro (Cabeceiras de Basto)*, in Carlos

Alberto Ferreira de Almeida: *in memoriam*, Volume I. Porto: FLUP. pp. 325-329.

Lima, A. M. de C. (1993) – *Castelos Medievais do Curso Terminal do Douro (séc. IX-XII)*, Vol. I. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Porto: FLUP (Policopiado).

Lopes, E. T. (2004) – *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: Câmara Municipal.

Meulemeester, J. (2006) – *Mottes castrales des anciens Pays-Bas méridionaux: Quelques considérations sur l'iconographie et les textes*, in *Studia Caroliensia*, pp. 249-256.

Nunes, M., Sousa, L. e Gonçalves, C. (2008) – *Carta Arqueológica do concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal/Gabinete de Arqueologia. ISBN: 978-972-8787-10-3.

Cartografia

Carta Militar de Portugal, IGEOE, escala 1/25 000, folha nº 112 [Material cartográfico], 4ª edição, 1998, série M888. ISBN: 972-764-998-X.

⁸ Ainda hoje assim se denomina este rio que nasce nas faldas do Monte da Sorte (Santiago de Figueiró, Amarante) e desagua em Sobretâmega (Marco de Canaveses), junto das Caldas de Canaveses.

⁹ Este curso de água é actualmente designado de ribeiro de Bufa, porém, em 1758, era ainda chamado de Passó, alusivo à denominação mais antiga, como se depreende da Memória Paroquial de Vila Boa de Quires, em que se diz que “Há nesta freguesia hum rio chamado o rio Passó, que nasce junto ao lugar do Ribeiro, da freguesia de Sam Martinho de Recezinhos, e outro braço no lugar de Gatam, desta dita freguesia de Recezinhos” (Capela, Matos e Borralheiro, 2008: 422).